

Maria Guilhermina Abreu Cardoso

**À ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL:**

**ELEMENTOS PARA AS PEQUENAS HISTÓRIAS  
DO REFLEXO DA “REVOLUÇÃO DOS CRAVOS”  
NUMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA**

**AO TEMPO OS SERVIÇOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (SFP)  
(HOJE INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL- IEFP)**

*Setembro de 2018*

## **Em jeito de contextualização da documentação junta:**

*Sepultados numa caixa do meu sótão, encontrei estes documentos que poderão um dia servir para historiar como o 25 de Abril de 1974 foi, sobretudo em Lisboa, de imediato apropriado, por cada cidadão/grupos de cidadãos/associações/ou outras organizações, por uma população ávida pela mudança, não só de regime político, como de reivindicar para si um papel mais activo na comunidade em que se inseria.*

*Ao tempo monitora nos **Serviços de Formação Profissional – hoje IEFP** -, tivera acesso, por familiares dumha cunhada, cerca de duas semanas antes do dia 25, ao **Manifesto das Forças Armadas**, que, pelo mau estado do exemplar, re-dactilografara com a ajuda de uma colega e amiga, fotocopiara com a ajuda entusiasta de colegas da então Sala de Desenho, distribuindo-o por vários outros colegas que sabia frustrados com o insucesso do golpe das Caldas, amplamente entre nós discutido.*

*Juntava-se a circunstância de ter um primo militar – José Cardoso Fontão - e um irmão – Jaime Rodolfo Abreu Cardoso - que sabia terem aderido ao Movimento (o “passeio” dos comandos de Viseu, aquando da tentativa das Caldas, é uma história que merecia ser contada) e, apesar do silêncio de ambos e do espanto com que o primeiro, vivendo então em Almada como eu, soubera do acesso que tivéramos ao documento em que os revoltosos anunciavam os seus propósitos e do modo como, alegre e displicentemente, eu o divulgara, confiante na imediata adesão dos que o leram aos 3 Dês propostos: Democratizar, Descolonizar, Desenvolver.*

*Na madrugada daquele dia 25, por volta das 7,30 horas, o meu irmão mais novo (regressara da comissão na Guiné, admirador do Ché) e cunhada, com quem costumava apanhar boleia para Lisboa, já tinham ouvido na rádio que a Revolução estava na rua e que o MFA apelava a que nos mantivéssemos em casa, mas não quisemos saber. Queríamos estar lá, participar, apoiar...*

*No Terreiro do Paço, lá estavam os tanques de Salgueiro Maio e já a maior parte dos populares que ali desembocavam nos barcos vindos da margem esquerda do Tejo para trabalhar em Lisboa – provenientes de Almada, Barreiro, Montijo – se aglomeravam no Campo das Cebolas e ruas adjacentes, muitos de transístor em punho. (“Já canta o Zeca Afonso”- proclamava eufórico um velhote, atirando ao ar o boné).*

*Decidimos ir ver o que se passava nos nossos serviços, pelo que o meu irmão me deixou no Convento de Xabregas, onde funcionavam os Serviços de Formação Profissional (SFP).*

*Excepto uma colega e amiga – Maria Alice Lacerda, vinda de Rio de Mouro – quase não havia ninguém. Ao ver-nos no corredor, o Director aconselha-nos a ir para casa e oferece-nos boleia no carro dos Serviços, até à Praça do Chile. Está nitidamente preocupado, enquanto no*

banco detrás nós trocávamos olhares cúmplices. Apanhámos o metro para o Rossio e mergulhámos na festa da Revolução já iniciada pela população de Lisboa. Os cravos apareceriam depois.

Os marinheiros da Transtejo não me cobraram bilhete para ir ao outro lado contar o que presenciara e regresssei à noite a Lisboa com a minha cunhada – e o meu irmão atrás - para assistirmos à 1ª tentativa do assalto à PIDE que provocou as únicas baixas da Revolução.

E era assim com toda a gente. Todos queríamos estar onde a acção se desenrolasse: no Carmo, como em outros locais, continuo a pensar que essa inconsciência colectiva de imediata presença onde tudo acontecia, terá sido vital para que os ex-governantes percebessem ter perdido e os militares reforçassem a certeza da razão da sua luta e saíssem vitoriosos.

Logo nos dias seguintes, discutia no trabalho com colegas e amigos a necessidade de fazer chegar ao MFA o nosso inteiro apoio à sua luta. E lá seguiu para a Junta de Salvação Nacional o muito discutido **comunicado de apoio**, em nome dos professores e monitores dos SFP, desde logo demonstrando a nossa disponibilidade para ajudar a implementar uma Formação Profissional mais rigorosa nos objectivos, mais eficiente nos resultados e mais humanizada nos processos. Ainda hoje me espanta o rigor democrático com envolvemos tanta gente – veja-se a documentação do **processo eleitoral** - na prossecução desse propósito!

Sempre independente dos partidos mas com o coração à Esquerda, participava em tudo apaixonada e criticamente, tanto interna como externamente, vivendo intensamente a FESTA. Porque nenhuma outra palavra poderá exprimir para mim o que foram aqueles “meses de brasa”.

Percebi pouco depois que pagaria o preço da independência dos partidos e da adesão entusiasta mas crítica ao desenrolar dos acontecimentos, decididamente manifestando a minha discordância com o que não me parecia justo, mesmo que viesse do campo com que, habitualmente, mais me identificava.

Por “suspeita” de ter entregue aos jornais a moção de apoio à luta dos trabalhadores da Construção Civil, aprovada num Plenário que secretariara, acabaria **suspensa** - juntamente com o Director dos Serviços e dois Técnicos Superiores nomeados no pós 25/04, mais o Sub-Director eleito pelos funcionários - durante 10 meses, a partir de 20 de Fevereiro de 1976. (Engraçado o termo “suspeita”, quando, na qualidade de redactora da reunião, fora incumbida de entregar a dita moção e assumira sempre tê-lo feito. Situação caricata quando a Revolução restituira a todos nós o direito de reunião e expressão).

Pior ainda: na sequência do 11 de Março de 75, foram instalados 51 processos disciplinares, aos trabalhadores que, em abaixo-assinado, solicitavam um inquérito a atitudes suspeitas de funcionários da casa, redundando em 51 processos contra os subscritores do pedido de inquérito. Não terá sido alheia a tão insólita decisão o facto do então Ministro do Trabalho - Tomás Rosa – ser conhecido de um ex-Director visado no Inquérito. (Muitos de nós lêramos já

*Kafka e, por isso, reduzíamos as situações ao campo anedótico: motivo de riso, neste caso, não de drama).*

*Mas veio-me destes tempos a convicção duma direita revanchista, cobarde porque agia na sombra, dissimulada, manipuladora, quando o poder lhe fugia, mas sempre pronta a atacar. (Talvez houvesse na esquerda quem lhe copiasse a dissimulação e cobardia dos actos mas, decididamente essa nunca foi a minha Esquerda e, se então os havia, eram mais que minoritários).*

*Também já lera o suficiente sobre as reviravoltas históricas de revoluções generosas nos seus propósitos, para me revoltar ou indignar com os 10 meses de suspensão e o kafkiano processo que envolveu. (Só não contava quem o desencadeou que eu não lhes tivesse facultado nenhuma ponta por onde pudessem pegar-me. Mas demoraram 10 meses a tentá-lo, deixando extinguir os prazos e voltando a prolongar as suspensões de 3 em 3 meses e mais um mês à espera de consegui-lo).*

*O que conseguiram de facto no meu caso? O votar à ignorância aquela gente para quem a Formação era apenas estatuto pessoal e o redobrar da frontalidade com que passei a responder a tudo que me parecia pouco transparente, iníquo e sem qualquer base legal... (Mas até poderia agradecer-lhes os 10 meses de férias extraordinárias que me permitiram divertir, participar, pensar, crescer, relacionando-me com pessoas que sempre admirara e julgava não estarem ao alcance de com elas conviver. Bendita suspensão e benditos "castigos". Prenda inestimável para quem ao dinheiro prefere a VIDA, no que ela tem de mais estimulante e insubstituível: a honestidade, a auto-responsabilidade, a amizade, a lealdade, a incessante procura de saber sempre mais e ser mais).*

*Imagino que muitos casos semelhantes existirão nos arquivos da Associação 25 de Abril, mas, de qualquer forma, tinha já anos atrás sido aconselhada, por Boaventura Sousa Santos, meu primo por afinidade, a enviar estes documentos à Associação 25 de Abril, e, não tendo até então tido disponibilidade para o fazer, estava fora de questão enviar para o lixo documentos testemunhais do agir e reagir de uma instituição – hoje Instituto de Emprego e Formação Profissional -, em tempos para mim e para muitos inolvidáveis.*

### ***Só uma nota final:***

*O que mais tarde os Formadores envolvidos nestes processos produziram na Formação Profissional, veio provar que a nossa insubordinação ao status quo valeu a pena, como valeu incontestavelmente a pena a Revolução do 25/04 mesmo que, no processo, tenha aberto a porta a todos os oportunismos (Infelizmente, até hoje, nenhuma revolução se conseguiu livrar deles). Obrigada a todos os militares que nela participaram em meu nome e em nome dos que comigo participaram nos acontecimentos aqui relatados.*

Amora, Setembro de 2018



# ORGANIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS

---

## I - O MANIFESTO DO MFA:

Re-dactilografado, polycopiado e distribuído antes do 25/04 por alguns colegas dos Serviços de Formação Profissional *(ao tempo pertencente ao Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra)*

## II- A VONTADE DE CONSTRUIR UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL MAIS EXIGENTE:

nos objectivos visados; nos resultados; nas metodologias a utilizar;  
na melhor gestão dos recursos humanos e materiais; na democratização das relações internas  
*(E, para melhor gerir autonomamente esses recursos, lutaram os professores e monitores pela transformação em Instituto da sua Direcção de Serviços, luta em que foram secundados pela Direcção de Serviços de Emprego, no que veio a ser o Instituto de Emprego e Formação Profissional- IEFP);*  
processo eleitoral de envolvimento de todo o pessoal

## III- SUSPENSOS

A 20 de Fevereiro de 1976, o Ministro do Trabalho, Tomás Rosa, suspendia de funções:  
a) O então Director de Serviços de Formação, Eng.º Vitor Manuel Faria e Silva e os Técnicos Superiores, Eng.º Manuel Santos Seca e Dr. Raul Jardim Cascais, os 3 nomeados após o 25 de Abril  
b) O Eng.º Jacinto Rocha Xavier, desempenhando funções de Sub-director nomeado pelos trabalhadores dos Serviços e Maria Guilhermina Abreu Cardoso, Monitora, ambos pertencentes ao Quadro de Pessoal daquela Instituição

## IV - O PROCESSO DOS 51

51 Trabalhadores do IEFP assinam um pedido de inquérito a actividades suspeitas de dirigentes e funcionários dos Serviços no 11 de Março; o Ministro Tomás Rosa, instaura 51 processos disciplinares contra os subscritores

## V - QUANDO O HUMOR É A ARMA

mgac, Setembro de 2018

